

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 1 2019

ARTIGO

CONTEXTOS FUNERÁRIOS, ESPÓLIOS VOTIVOS E REMANESCENTES HUMANOS KAINGANG NO ESTADO DE SÃO PAULO

Daniel Ferreira Fidalgo*, Robson Rodrigues**, Ricardo Bonfante***

RESUMO

Os Kaingang de São Paulo, entre os séculos XIX e XX, sofreram diversas ocupações no seu território pela frente de expansão colonialista. A deturpação de antigos cemitérios foi recorrente, mas alguns remanescentes foram parcialmente preservados e se encontram dispersos pelo Estado de São Paulo. Aqui se procurou rever, a partir da literatura, o potencial informativo desses acervos. Foram encontradas referências a 21 montículos funerários Kaingang, 11 destruídos, 2 preservados e 8 em estado de preservação indeterminado. O espólio votivo de 10 túmulos indica que eles datam entre os séculos XIX e XX. O registro arqueológico revelou práticas funerárias anteriormente relatadas em dados históricos e etnográficos dos Kaingang de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Conclui-se que apesar desta natureza de exumação, eles podem ainda contribuir para a história recente Kaingang e talvez trazer novas perspectivas sobre a realidade dessas comunidades durante os dois últimos séculos.

Palavras-chave: Jê Meridional; Arqueologia Funerária; Remanescentes Humanos.

* Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra (CIAS-UC). <https://orcid.org/0000-0001-7175-1686>.

** Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (INCIS-UFU), PNPd-Capes, Fundação Araporã. <https://orcid.org/0000-0003-2679-5414>.

*** Faculdade de Odontologia de Piracicaba da Universidade Estadual de Campinas (FOP-UNICAMP). <https://orcid.org/0000-0001-5329-539X>.

FUNERARY CONTEXTS, VOTIVE OFFERINGS AND HUMAN REMAINS OF THE KAINGANG OF SÃO PAULO

ABSTRACT

The Kaingang of Sao Paulo, between the 19th and 20th century, suffered several attempts of territorial occupation by the colonial expansion. During this time, violation of ancient indigenous cemeteries was recurrent. Nonetheless, some remains were preserved and are now dispersed through the State of Sao Paulo. This work reviews, through the available literature, the potential of these collections. Reference to 21 burial mounds were found, 11 destroyed, 2 preserved and 8 whose preservation is unknown. Votive offerings from 10 burials indicates that all were built during the 19th and 20th century. Previous funerary practices described in historical and ethnographic data were found in the archaeological record. It is concluded that despite the context in which these remains were exhumed, they may still contribute to the recent Kaingang history, perhaps bringing new perspectives about these communities during the last two centuries.

Keywords: Southern Je; Funerary Archaeology; Human Remains.

CONTEXTOS FUNERARIOS, BOTÍN VOTIVOS Y REMANENTES HUMANOS KAINGANG EN EL ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMEN

Los Kaingang de São Paulo, entre los siglos XIX y XX, sufrieron muchas ocupaciones en su territorio por la frente de expansión colonialista. La distorsión de antiguos cementerios fue recurrente. Pero algunos remanentes fueron parcialmente preservados y se encuentran dispersos por el Estado de São Paulo. Aquí se buscó revisar, a partir de la literatura, el potencial informativo de estos acervos. Se encontraron referencias a 21 pequeños montes funerarios Kaingang, 11 destruidos, 2 preservados y 8 en estado de preservación indeterminada. El botine votivo de 10 tumbas indica que datan entre los siglos XIX y XX. El registro arqueológico reveló prácticas funerarias anteriormente relatadas en datos históricos y etnográficos de los Kaingang de São Paulo, Paraná y Rio Grande do Sul. Se concluye que, a pesar de esta naturaleza de exhumación, pueden contribuir a la reciente historia Kaingang, y quizá traer nuevas perspectivas sobre la realidad de estas comunidades durante los dos últimos siglos.

Palabras clave: Jê Meridionales; Arqueología Funeraria; Remanentes Humanos.

INTRODUÇÃO

A revisão de antigas coleções arqueológicas, embora seja um processo fundamental para a produção de conhecimento, pode ser também bastante complexa. Não são raros os casos de coleções descontextualizadas, sem proveniência, ou cuja informação preliminar gradualmente se perdeu com decorrer do tempo. Além disso, deve-se considerar a complexidade de examinar esses acervos em contextos institucionais cuja natureza não está, *a priori*, associada à pesquisa e estudo dessas coleções. Como tal, estudos sobre tais acervos são escassos, esparsos e, muitas vezes, desvalorizados enquanto referências bibliográficas.

No entanto é possível mitigar, mesmo que parcialmente, algumas dessas dificuldades. Em casos referentes a períodos históricos, existem múltiplas linhas de evidências como elementos etnográficos, linguísticos, relatos orais de tradições nativas e até mesmo remanescentes biológicos (LIGHTFOOT, 1995). Estas diferentes fontes, apesar que algumas vezes possam entrar em contradição, frequentemente também se complementam e reforçam. Assim, muitas coleções, ainda que desprovidas do seu contexto e frequentemente manipuladas ao longo do tempo, podem ainda assim ser contribuições científicas pertinentes.

No Brasil, o estudo da cultura material Kaingang representa um objeto de análise privilegiado para compreender as transformações sociopolíticas e culturais desse grupo étnico sobre uma perspectiva de longa diacronia na história indígena (RODRIGUES, 2016; VEIGA, 2016). Atualmente o conhecimento histórico e etnográfico começa a contribuir com a arqueologia ao visitar objetos, antigas coleções osteológicas e referências arqueológicas depositadas em reservas técnicas de museus, e permitir interpretações a partir de abordagens mais contemporâneas (BRUNO, 2009; SILVEIRA & LIMA FILHO, 2005), avançando para novas leituras a respeito dos períodos históricos em que muitas destas coleções foram exumadas e constituídas (HATTORI & STRAUSS, 2016). No planalto ocidental paulista, mais precisamente entre as terras do médio/alto curso do Rio Feio/Aguapeí e do Rio do Peixe, muitas coleções dizem respeito a antigos enterramentos indígenas Kaingang, que foram sendo exumados indevidamente durante a primeira metade do século XX.

Nestas circunstâncias, visto que alguns foram negligentemente exumados, é importante ponderar como instituições e pesquisadores devem lidar com esses remanescentes (ROBERTS, 2009). Eles são sincrônicos às histórias de luta e resistência pelo sertão paulista. Portanto trata-se de um tema complexo, em que os autores não presumem conseguir elucidar de forma incondicional e que apraze totalmente todas as agências envolvidas.

Todavia é por esse mesmo motivo que o diálogo entre todas as partes envolvidas se torna fundamental, e cabe à arqueologia lembrar-se que o engajamento com as comunidades locais é essencial (COLWELL-CHANTHAPHONH, 2009), principalmente a partir de processos colaborativos que contribuam com uma aproximação entre pesquisadores acadêmicos e representantes das populações para a preservação dos acervos arqueológicos e suas memórias.

Tendo em vista que os procedimentos colaborativos no campo da pesquisa vêm crescendo no ambiente acadêmico brasileiro, de modo particular, nas áreas de Arqueologia, Antropologia e Museologia, práticas reflexivas e multivocais, num diálogo multicultural, estão trazendo novas formas de se produzir conhecimentos e historicidades. Recentes pesquisas desenvolvidas no contexto de Arqueologia e Museologia mostram que, mesmo não se chegando imediatamente a consensos entre os sujeitos envolvidos nessas práticas arqueológicas multivocais, as diferenças podem estimular um ambiente de diálogo e reflexão na construção de novos olhares para a

compreensão das histórias e culturas indígenas (MACHADO, 2013; ROCA, 2015; SEMEDO & FERREIRA, 2011; SILVA, 2012; SILVA, 2015; SILVA & GARCIA, 2015; SILVA, BESPALAZ & STUCHI, 2011). Ainda admitindo que a solução não seja plena, torna-se necessário um respeito mútuo e a elaboração de iniciativas que sejam pelo menos do interesse de todas as partes colaboradoras (ROBERTS, 2009). Na atualidade, assim como no passado, a definição de preservação não é, e nunca foi, um conceito universal ou unanimemente definido (COLWELL-CHANTHAPHONH, 2009). Não obstante, os arqueólogos têm responsabilidades para com as pessoas tanto do passado quanto as de hoje (TARLOW, 2006). Desse modo, cabe à responsabilidade dos arqueólogos não condenar ao esquecimento estas ações realizadas na história recente do sertão paulista.

A escolha de abordar somente contextos arqueológicos funerários do Estado de São Paulo deve-se às particularidades culturais dos Kaingang nesta região, especialmente aquando comparados com outras comunidades Kaingang do Brasil. Particularmente na linguística, eles inclusive apresentam especificidades próprias, nas quais se distanciam dos restantes grupos de língua Kaingang do país (CAVALCANTE, 1987). Além disso, dada a severa conjuntura de exumação indevida e recente desses contextos funerários, os autores o consideraram um caso de estudo legítimo a ser alvo de uma investigação particular e mais aprofundada. Posteriormente, outros estudos poderão vir a ser feitos acerca das comparações dos padrões funerários e especificidades biológicas Kaingang numa escala nacional. Não obstante, os autores consideram que é primeiro necessário uma melhor percepção da proveniência e conjuntura em que os cemitérios Kaingang de São Paulo se apresentam no atual estado da arte.

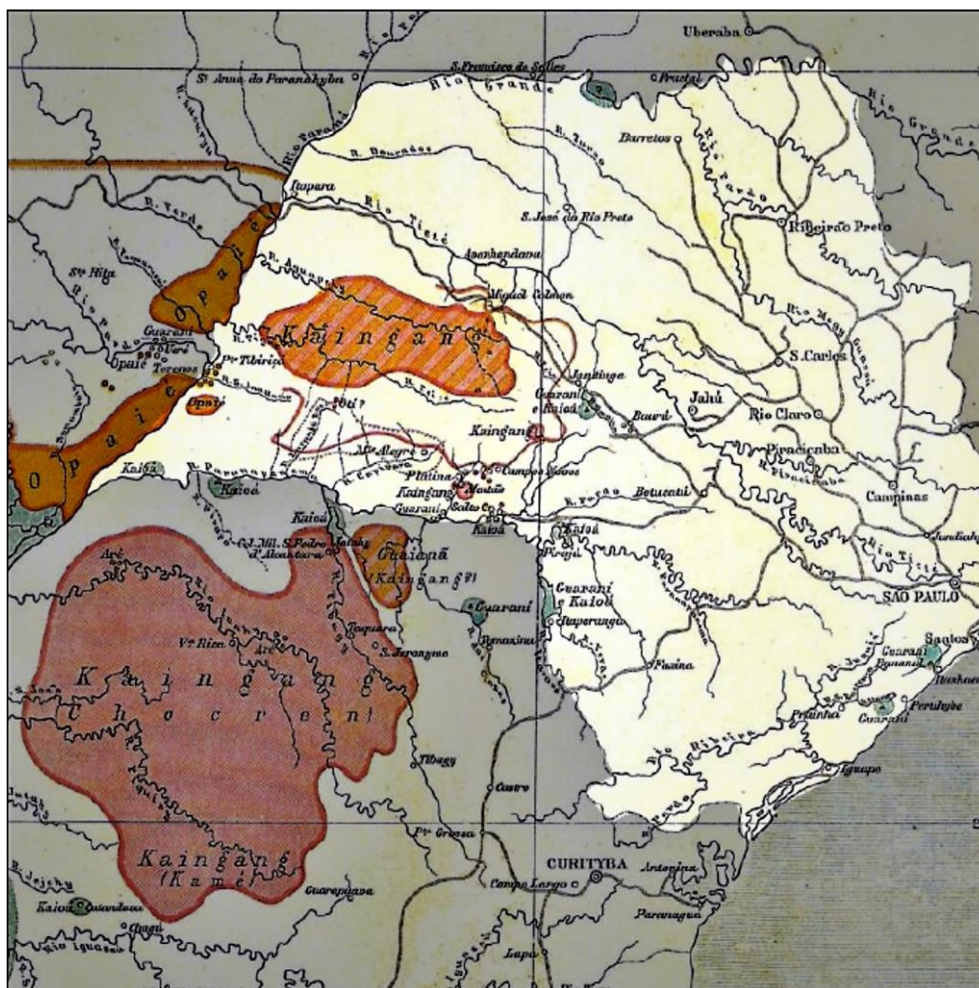
Tendo em vista isso, neste trabalho explora-se o estado da arte das coleções funerárias Kaingang que estão curadas em diversos museus do interior Estado de São Paulo. Quando possível, associando novas linhas de evidências, tal como estudos antropométricos (NEVES *et al.*, 2011; POURCHET, 1983), análise das práticas funerárias (VEIGA, 2016; CRÉPEAU, 2002) ou de perfil biológico dos indivíduos (FIDALGO *et al.*, 2016). Pretende-se assim demonstrar como elas ainda podem contribuir para a história indígena do Estado de São Paulo. Para isso, em todos os temas em causa serão usadas e comparadas diferentes fontes de informação. Primeiro, as fontes provenientes a partir da literatura histórica e etnográfica já existente e, segundo, as informações já publicadas sobre os acervos arqueológicos em análise. Este trabalho é, portanto, uma revisão crítica da literatura já publicada acerca dessa temática. Os autores esclarecem que dos acervos em análise apenas estiveram em contato com o acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, de onde especificamente algumas informações foram coletadas pessoalmente. Consequentemente, as informações acerca dos restantes acervos estão limitadas pelas fontes bibliográficas disponíveis.

Espera-se desta forma contribuir para propostas futuras que permitam compreender melhor como os indígenas viviam e reagem aos contatos com a sociedade colonialista, e como o desenvolvimento cultural indígena foi influenciado ao longo da história da região. Simultaneamente, pela comparação e contraste entre diferentes fontes, pretende-se que seja possível captar a diversidade de experiências e intercâmbios culturais vividas em tais contextos regionais (RUBERTONE, 2000; SOUZA, 2017). Além disso, no futuro, que este seja um contributo para analisar comparativamente as transformações culturais que tiveram lugar antes, durante e após o contato com a sociedade ocidental (LIGHTFOOT, 1995).

OS KAINGANG NA HISTÓRIA RECENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

No interior paulista, a reestruturação da paisagem durante o século passado, especialmente como parte do movimento de expansão das lavouras de café e a implementação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, teve sérias consequências para a memória histórica e patrimonial das comunidades indígenas (BORELLI, 1984). Durante os séculos XIX e XX foram assolados vários cemitérios e aldeias Kaingang que atestavam a sua presença ao longo da história recente dessa região (Figura 1). Os motivos foram variados e só podem ser analisados se for considerada a conjuntura histórica de violência e opressão vivenciada pelos indígenas Kaingang por parte da sociedade brasileira na luta pela ocupação do “sertão desconhecido”, e a resistência dos mesmos à conversão e integração nacional (IHERING, 1907; BARBOSA, 1947; BORELLI, 1984; NIMUENDAJU, 2013).

Figura 1 - Mapa etnográfico destacando as áreas Kaingang do Estado de São Paulo (IHERING, 1907). Adaptado por Rodrigues (2007).



Em algumas instâncias, foi o planejamento de uma agricultura intensiva para fins de conversão das matas nativas em áreas de lavoura de milho, algodão e café, que conduziram à destruição e deturpação dos túmulos Kaingang (Figura 2) (SCHADEN, 1954; RODRIGUES, 2007). Noutros casos, foram as novas ocupações locais, a partir da constituição de vilas e cidades, que deliberadamente deturparam túmulos indígenas (Figura 3). Durante a colonização, tornou-se de conhecimento geral que alguns *mundurus* ou *murundus* (expressões regionais para montículos de terra) não se tratavam de

formigueiros, mas de antigos enterramentos nativos (DRUMOND & PHILIPSON, 1947). Argumentando que pensavam se tratar de simples formigueiros, os primeiros colonos gradualmente destruíram vários enterramentos indígenas Kaingang. As justificativas eram débeis, e até mesmo as autoridades da época classificavam estas como artifício, enquadrando-as como atos de profanação deliberada (BARBOSA, 1946). Contudo o inverso realmente acontecia, e as semelhanças com formigueiros eram efetivamente tão grandes que vários colonos vieram a destruir reais formigueiros, julgando se tratar de túmulos indígenas (SAKAI, 1981).

Figura 2 - Exumação dos remanescentes do túmulo de Canaan, onde foram exumados dois indivíduos Kaingang. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.



Figura 3 - Exumação do Túmulo 1 de Parapuã, de onde foram exumados um total de 33 indivíduos. Acervo do Museu Municipal de Parapuã.



Além desses episódios, restam aqueles nos quais as exumações e pesquisas eram realizadas ao interesse de entidades estaduais públicas ou privadas (DRUMOND & PHILIPSON, 1947; SAKAI, 1981). No entanto, neste período ainda se vivenciava no Brasil alguma estagnação do desenvolvimento de estudos no âmbito da arqueologia funerária, e, como tal, a natureza de muitas das observações de campo era ainda genérica e pouco cuidadosa (SOUZA & RODRIGUES-CARVALHO, 2013).

Em suma, à escala da história recente do interior paulista, reviveram-se práticas muito semelhantes às pilhagens arbitrarias dos túmulos indígenas Kaingang que ocorreram durante o século XIX no Rio Grande do Sul. Deste contexto, destaca-se Pierre Mabilde (1983), que relata a aversão dos Kaingang ao verem a forma como eram tratados os seus mortos; e Reinhold Hensel, que, no seio de uma política pública de etnocídio, pilhou dois túmulos indígenas, cujos corpos ainda se encontravam em decomposição (SILVA & NOELLI, 2016).

Atualmente, só se conhece a localização precisa de dois montículos Kaingang no Oeste paulista que ainda não foram destruídos (Tabela 1). Ambos estão localizados dentro da Terra Indígena (T.I) Índia Vanuíre (Arco-Íris, SP) e são ainda considerados sagrados para os Kaingang que habitam nesse espaço (VEIGA, 2000; RODRIGUES, 2007). Existem outros relatos de antigos cemitérios Kaingang no município de Parapuã, que até a segunda metade da década de 1940 ainda não teriam sido destruídos (DRUMOND & PHILIPSON, 1947). Porém, pela ausência de coordenadas geográficas específicas, é necessário reencontrar mais uma vez tais cemitérios.

Considerando os remanescentes evidenciados por meio de exumação, alguns destes elementos foram (parcialmente) recolhidos e encontram-se agora dispersos por várias instituições e museus paulistas. Alguns foram mapeados nos últimos anos e podem ser encontrados, por exemplo, no Museu Histórico e Arqueológico de Lins (MHAL) (HATTORI & STRAUSS, 2016) e no Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre (MHPIV) (FIDALGO *et al.*, 2016). No entanto, outros acervos que na sua época foram encaminhados para instituições como o Departamento de Investigação de São Paulo (DISP) (GODOY, 1947), ou o Gabinete de Antropologia de São Paulo (GAUSP) (DRUMOND & PHILIPSON, 1947), precisam que novamente seja averiguada a sua tutela e salvaguarda.

Tabela 1 - Referências na literatura de enterramentos Kaingang no interior do Estado de São Paulo.

Enterramentos	Região (SP)	Destruído	Dimensões (m)		Nº Indivíduos	Acervo	Referência
			Altura	Diâmetro			
Túmulos de "Vila Sophia" (n=2)	"Vila Sophia" – perto do município de Promissão	-	-	-	-	-	Manizer (1930)
Túmulo de Canaan (n=1)	Sítio Canaan, município de Arco-Íris	Sim	-	-	2	MHPIV ¹	-
Túmulo de Vanuíre 1 (n=1)	Terra Indígena Vanuíre, município de Arco-Íris	Não	1,5	8,6/6,8	-	-	Rodrigues (2007)
Túmulo de Vanuíre 2 (n=1)	Terra Indígena Vanuíre, município de Arco-Íris	Não	1,1	9,60	-	-	Rodrigues (2007)

<i>Enterramentos</i>	<i>Região (SP)</i>	<i>Destruido</i>	<i>Dimensões (m)</i>		<i>Nº Individuos</i>	<i>Acervo</i>	<i>Referência</i>
			<i>Altura</i>	<i>Diâmetro</i>			
Túmulo de Lins (n=1)	Fazenda Ouro Branco, Distrito de Macuco, Município de Getulina	Sim	0,8	6	6	MHAL ²	Sakai (1981)
Túmulo A de Promissão (n=1)	Município de Promissão; Município de Bom Sucesso	Sim	2	5	2	MHAL ²	Sakai (1981)
Túmulo B de Promissão (n=1)	Município de Promissão; Município de Bom Sucesso	Sim	1,5	-	2	MHAL ²	Sakai (1981)
Túmulo de Guararapes (Sakai) (n=1)	Município de Guararapes; Colônia de Jangada	Sim	0,8	5	2	MHAL ²	Sakai (1981)
Túmulo de Bom Sucesso (n=1)	A 2km da encruzilhada Bom Sucesso-Gonzaga	-	-	-	-	-	Reyes (2008)
Túmulo de Promissão (n=1)	Município de Promissão	-	-	-	-	-	Reyes (2008)
Túmulo de Guararapes (Godoy) (n=2)	Município de Guararapes; Colônia de Jangada	Sim	3	5	-	DISP ³	Godoy (1947)
Túmulo do Bairro Universo (n=1)	Município de Tupã	Sim	-	-	-	GAUSP ⁴	Drumond & Philipson (1947)
Túmulo 1 de Parapuã (n=1)	Parapuã	Sim	-	-	33	GAUSP ⁴	Drumond & Philipson (1947)
Túmulo 2 de Parapuã (n=1)	Parapuã	Sim	-	12,5/12,7	-	-	Drumond & Philipson (1947)
Túmulo 3 de Parapuã (n=1)	Parapuã	Sim	0,8	1,8	-	-	Drumond & Philipson (1947)
Túmulos 4 de Parapuã (n=2)	Parapuã	-	-	-	-	-	Drumond & Philipson (1947)
Túmulo 5 de Parapuã (n=2)	Parapuã	-	-	-	-	-	Drumond & Philipson (1947)

¹MHPV – Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre;

²MHAL – Museu Histórico e Arqueológico de Lins;

³DISP – Departamento de Investigação de São Paulo;

⁴GAUSP – Gabinete de Antropologia da Universidade de São Paulo.

CONTEXTOS FUNERÁRIOS

Os Kaingang de São Paulo, com a exceção de algumas variações de dialeto dentro do tronco linguístico Macro-Jê (D'ANGELIS, 1998), apresentam consideráveis semelhanças com os seus homônimos do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Misiones (Argentina) (MÉTRAUX, 1946). O seu mundo é simétrico, e, dentro dos seus grupos, dividem-se em metades exógamas e patrilineares (BALDUS, 1937; VEIGA, 2016). Este dualismo é concebido nos mitos de origem, pelas metades *Kamé* e *Kanhru*, mantendo uma relação complementar em vários aspetos da vida social, especialmente nos rituais que envolvem a morte (CRÉPEAU, 2002). Para eles, a morte é considerada uma transição da aldeia atual para a aldeia dos mortos, uma dissociação entre o espírito e o corpo de um indivíduo (VEIGA, 2000).

Os relatos interpretativos acerca de quem era sepultado em montículos variam conforme os relatos disponíveis de região para região (AMBROSETTI, 1895; BORBA, 1908; MABILDE, 1983). Em São Paulo, Henrich Manizer (1930, 2006) afirma que os ritos variam conforme a importância da pessoa falecida e relata um enterramento num montículo de um Kaingang adulto do sexo masculino. Além disso, relatos recolhidos de empregados da “Vila Sophia”¹ (BARBOSA, 1954; NIMUENDAJÚ, 1982) sugerem que as mulheres seriam enterradas em qualquer lugar da terra, e não especificamente no cemitério (MANIZER, 1930, 2006). Contudo, a análise de remanescentes humanos dos Kaingang de Guarapuava (SP) remete a indivíduos não adultos, adultos do sexo masculino e também feminino (GODOY, 1947). Dessa forma, aqui se assinala a primeira discrepância entre os relatos escritos e o registro arqueológico acerca de quem seria sepultado em montículos. Possivelmente, o mais sensato é ponderar a hipótese de Becker (1976) e Veiga (2016), que sugerem que todos os indivíduos seriam sepultados em montículos. Não obstante, os preparativos, velório e a forma do sepultamento poderiam variar consoante o estatuto social e o contexto da causa de morte. Trata-se, portanto, de uma sociedade hierarquizada, cujo estatuto do indivíduo pode-se encontrar refletido conforme o contexto funerário em que o mesmo está inumado (VEIGA, 2016).

É interessante destacar ainda que esta prática se manteve até mesmo depois dos indígenas terem sido absorvidos pela sociedade brasileira. De acordo com relatos orais recolhidos de alguns Kaingang da T.I. Índia Vanuíre, é sugestível que um dos montículos lá existentes foi o que deu, posteriormente, origem ao cemitério atual, cuja fundação data da década de 1940 (RODRIGUES, 2007).

Uma vez que o espírito do morto pode sentir saudades dos parentes vivos, qualquer contato deles com o morto é contagioso, e, por isso, os tratamentos mortuários são feitos a encargo de outros não consanguíneos do falecido (VEIGA, 2000). Esse era o trabalho dos *péin*, que eram encarregados de levar o morto até o seu sepultamento (VEIGA, 2016). Para irem até o cemitério, os corpos eram apertados com os membros inferiores fletidos e as mãos juntas. Com um nó de cipó, encaixavam-se os joelhos, e outro era passado na nuca, enquanto uma segunda corda era atada ao meio do corpo, na altura do diafragma (BARBOSA, 1947; MANIZER, 1930, 2006).

O caminho era realizado num ritmo de marcha, e levava-se aproximadamente meia hora até o cemitério (MANIZER, 1930, 2006). Essa distância é sugestiva para interpretação entre as áreas de habitação e o cemitério, e serve para estabelecer

¹ Horta Barboza foi responsável pelas frentes de atração do grupo indígena Kaingang desenvolvidas pelo SPILTN - Serviço de proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais, a partir do ponto de atração denominado acampamento do Ribeirão dos Patos, que resultou na criação do primeiro aldeamento Kaingang onde atualmente se identifica pelo município de Promissão. Esse primeiro aldeamento foi denominado “Vila Kaingang ou “Vila Sophia”, e a localização de sua implantação se deu no Ribeirão dos Patos. Foi aqui que Henrich Manizer realizou os seus trabalhos com os Kaingang de São Paulo.

inferências sobre o registro arqueológico, especialmente considerando informações como o mapa de Drumond e Philipson (1947), relativo ao mapeamento de enterramentos (cemitérios) e de evidências cerâmicas (possíveis aldeias), assim como o modelo de aldeamento Kaingang estipulado por Rodrigues (2007) para o Oeste paulista. Segundo Robert Crépeau (2002), todos os cemitérios Kaingang contemporâneos encontram-se a Leste da aldeia, e o posicionamento de cada um dos enterramentos dentro do cemitério está relacionado com o dualismo e divisão Kaingang entre *Kamé* e *Kahru* ao qual cada indivíduo se insere. Atualmente ainda não é possível extrapolar essa hipótese para contextos de antigos enterramentos, especialmente devido à ausência de evidências arqueológicas que permitam atestar ou refutar devidamente essa premissa. Veiga (2000) destaca na cosmologia Kaingang que a morada dos mortos fica para o lado Oeste, mas não extrapola essa informação para as dinâmicas de aldeamento de ocupação do território dos Kaingang. Espera-se então que estudos futuros possam contribuir para tal análise dos modelos dinâmicos de ocupação territorial Kaingang e a relação entre as suas habitações e os contextos funerários.

Já de consenso entre as fontes literárias, os cemitérios localizavam-se em uma área de mata, contexto semelhante ao que se pode observar no montículo existente na T.I. Vanuíre (VEIGA, 2000; RODRIGUES, 2007). Henrich Manizer relata que uma clareira era aberta no centro da mata, onde já existiriam mais outros dois enterramentos semelhantes (MANIZER, 1930, 2006).

O relato da existência de mais de um montículo numa mesma região não é incomum. De acordo com Métraux (1946), cada cemitério era possivelmente composto por dois montículos centrais, com três a seis metros de altura e entre cinco metros e meio a sete metros e meio de diâmetro. Pierre Mabilde (1983) talvez seja a base de referência desse último autor, pois descreve um cemitério com sete túmulos no Rio Grande do Sul, onde os dois túmulos centrais de maiores dimensões eram destinados a um grupo de Kaingang que morreu em combate com os Botocudo (um montículo com 52 homens e outro com 29 homens e duas mulheres) e outros menores foram destinados a caciques, que foram, pelo seu estatuto, inumados à parte dos restantes indivíduos.

Em São Paulo, o único montículo conhecido com esse número de indivíduos é o Túmulo 1 de Parapuã, onde foram exumados 33 esqueletos (DRUMOND & PHILIPSON, 1947). O Túmulo 2 apresentou poucos vestígios, talvez por ter sido parcialmente deturpado, mas ainda tinha cerca de 12,5 metros de diâmetro, o que sugere que também fosse um montículo de grandes dimensões e múltiplos enterramentos (DRUMOND & PHILIPSON, 1947). No Estado de São Paulo, não as guerras contra os Botocudos, mas os conflitos contra a sociedade brasileira podem estar na gênese desse grande número de mortes. Horta Barbosa (1947) menciona o envenenamento de alimentos numa aldeia Kaingang próxima do rio do Peixe, por um bugreiro de Campos Novos. Circunstâncias semelhantes, ou até conflitos por invasões de territórios, como descrito por Borelli (1984), poderiam gerar um substancial número de mortes que implicasse a necessidade de montículos funerários maiores. Além disso, a baixa resistência imunológica a agentes patológicos carregados pelos colonos foi também já sugerida para contextos semelhantes (AMBROSETTI, 1895; SAKAI, 1981).

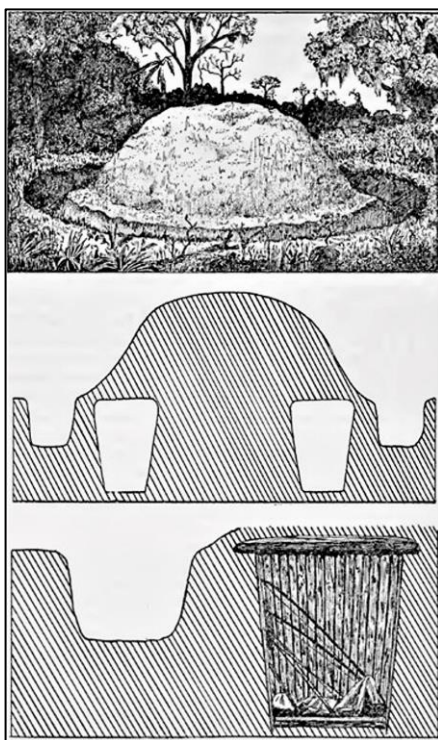
Ao referir que para cavar a fossa de um enterramento necessitam remover a parte superior do fosso, Henrich Manizer descreve o que parece ser um segundo enterramento num montículo já construído (MANIZER, 1930, 2006). Essa referência é pertinente pois assume a reutilização de um túmulo para a escavação de uma nova cova, sem deturpar qualquer outra inumação já existente. Esse fosso para o enterramento não ultrapassava os 75 centímetros da cabeça dos coveiros (MANIZER, 1930, 2006). Dada a estatura Kaingang, que abordaremos adiante, esse dado permite extrapolar uma profundidade

entre aproximadamente 220-250 centímetros. Essa informação é importante, visto que a tal profundidade é possível que alguns dos contextos paulistas ainda estejam preservados sem que tenham sido muito impactados pela lavoura intensiva. Porém o seu marco de referência em quota positiva, ou seja, os próprios montículos, podem já ter sido destruídos. Por fim, esses dados vão de acordo com os relatos de escavação dos Túmulos de Lins e o Túmulo B de Promissão, onde os esqueletos encontravam-se a aproximadamente 200 centímetros de profundidade (SAKAI, 1981).

Não obstante, estes elementos não impedem que outros fatores possam afetar a preservação desses túmulos. Relatos de bioturbação causada pela fauna, como o tatú de rabo mole (*Cabassous unicinctus*), já foram documentados em enterramentos Kaingang (Baldus, 1937). Gustav von Koenigswald (1908) faz também referência a um enterramento onde foi depositado um feixe de lenha em combustão, que, de acordo com o autor, talvez servisse o intuito de afastar intrusões por parte de animais.

Quanto à estrutura do sepulcro, este era formado por varas de palmeira fixadas ao longo das paredes, fincadas com a ajuda de uma viga, para formar uma paliçada compacta que recobria toda a cova (Figura 4) (MANIZER, 1930, 2006). Essas estruturas foram vistas por Sakai (1981) nos relatos de escavações arqueológicas a montículos no sertão paulista. Como tampa inferior, era usada uma prancha da mesma madeira de palmeira, recoberta com folhas, onde era depositado o morto com os seus pertences (MANIZER, 1930, 2006). Posteriormente, o túmulo era coberto com mais uma tábua de madeira coberta de folhagem, com o mínimo de fendas possíveis entre elas, até que se passa a envolver o restante espaço com as folhagens (MANIZER, 1930, 2006). Fica-se assim com a ideia de que a decomposição do corpo do indivíduo acontece, pelo menos parcialmente, em espaço aberto, pelo menos até à degradação da estrutura perecível.

Figura 4 - Ilustrações de Manizer (1930) publicadas por Métraux (1946). Trata-se de um montículo funerário Kaingang rodeado por uma vala circular. Estão ilustrados dois enterramentos em metades opostas. O indivíduo encontra-se em decúbito dorsal, orientado para o centro do montículo. Os membros inferiores estão fletidos e membros superiores estendidos ao longo do corpo,. O corpo está envolto em um manto, e do lado o seu espólio votivo. Adaptado.



No entorno do montículo era escavada uma vala de 150 centímetros de largura e um metro de profundidade (VEIGA, 2000; SAKAI, 1981). Contudo gradualmente a vala era alvo de erosão, especialmente pela chuva e pela passagem de gado entre outros animais sobre essas áreas (SAKAI, 1981). Outra possível marcação externa, descrita por Manizer (1930, 2006) e destacada por Veiga (2000), seria o *ka kônguru* (pau pintado), que era usado como símbolo multirreferencial. Infelizmente, pelas propriedades físicas de preservação da madeira, associadas ao fato de se encontrar em superfície, dificilmente evidências materiais de um *ka kônguru* serão encontradas no registro arqueológico.

Relativamente à localização da cova dentro do montículo, esta possivelmente varia consoante à metade religiosa do indivíduo. A Oeste, encontravam-se indivíduos *Kamé*, e, a Leste, *Kahru* (VEIGA, 2000). A ilustração de um cemitério contemporâneo Kaingang feito por Veiga (2016) pode ser bastante ilustrativo à arqueologia para interpretar modelos antigos de enterramento. Além dos pontos cardeais, a autora inclui a importância dos pontos colaterais, que complementam a interpretação de acordo com as secções de cada metade. Cada metade comportaria duas secções: na metade *Kamé* (Oeste), as secções *Kamé* (Sudoeste) e *Vãnh-jênky* (Noroeste); na metade de *Kahru* (Leste), as secções *Kahru* (Sudeste) e *Votor* (Nordeste) (VEIGA, 2016).

Relatos orais recolhidos por Lourenço (2011), também para enterramentos contemporâneos, podem complementar essa perspectiva. A autora descreve que existem quatro grupos existentes que influenciam o posicionamento dos enterramentos: *Kahru* para leste; *Votoro* (*Votor*) para Norte; *Ihanguepí* (*Vãnh-jênky*) para Oeste; *Kamé* para Sul. Dessa forma, parece que os relatos de Veiga (2000, 2016) e Lourenço (2011) se complementam no que diz respeito aos enterramentos associados a Leste, porém existe uma incongruência no que diz respeito aos enterramentos associados a *Kamé*. No entanto, sendo *Kamé* e *Ihanguepí* (*Vãnh-jênky*) correspondentes a duas secções de uma mesma metade, é possível que esse registro, ainda que incongruente, esteja preciso se considerarmos apenas a metade exogâmica *Kamé*, numa perspectiva de dualidade contraposta a *Kahru*.

Considerando a realidade do Estado de São Paulo, pode-se tentar correlacionar dados etnográficos e extrapolar algumas possibilidades para o registro arqueológico. No Túmulo A de Promissão um dos indivíduos foi inumado para Nordeste (*Votor*) e o outro para Sudoeste (*Kamé*), enquanto que no Túmulo B um foi inumado para Noroeste (*Vãnh-jênky*) e outro a Sudoeste (*Kamé*) (SAKAI, 1981). O Túmulo A reflete o que é expresso pela etnografia, dada a complementariedade das duas metades. Já no Túmulo B, a aplicação desse modelo levaria os arqueólogos a questionar os motivos pelos quais estariam enterrados dois indivíduos da mesma metade (*Kamé*), mas representantes das duas secções distintas do grupo (*Kamé* e *Vãnh-jênky*) num mesmo montículo. Mais uma vez, faz-se necessário mais estudos elaborados de natureza arqueológica que possam refutar ou corroborar este modelo para contextos pretéritos Kaingang.

Outros exemplos arqueológicos se destacam pela sua singularidade, como a presença de um enterramento primário múltiplo no Túmulo de Lins. No total, nesse contexto encontram-se presentes seis indivíduos. Dois foram enterrados em covas opostas entre si, a uma profundidade aproximada de dois metros (SAKAI, 1981). Já os restantes quatro indivíduos foram enterrados em conjunto, a uma profundidade de um metro e oitenta centímetros, todos em decúbito dorsal com os membros inferiores fletidos, mas orientados na forma elíptica, de costas voltadas para a periferia do montículo (SAKAI, 1981). Tratando-se de um enterramento primário múltiplo, esse é um relato único, visto que a todos os enterramentos Kaingang associa-se a prática de enterramentos singulares individuais, ainda que, como vimos anteriormente nos relatos

de Henrich Manizer (1930, 2006), o montículo em si seja reutilizado para adicionar mais enterramentos individuais ao longo do tempo.

Por fim, em relação à posição do corpo já dentro do túmulo, Juracilda Veiga (2006) destaca que, em cemitérios contemporâneos, o corpo tem que ser enterrado com os pés voltados para Oeste, pois, como já mencionado anteriormente, é para lá que se encontra a aldeia dos mortos. Esse dado ainda não foi confirmado para os contextos funerários de caráter arqueológico. Não obstante, pelas ilustrações do início do século XX, podemos observar que alguns indivíduos seriam inumados com o corpo voltado para o centro do montículo funerário. Porém, tratando-se de uma representação meramente ilustrativa, inferências mais abrangentes terão que ser realizadas com cautela.

Além disso, outros tipos de enterramentos diferenciados já foram sugeridos pela etnografia, mas ainda não foram de possível corroboração histórica ou arqueológica. Em causa está a hipótese de um tipo de enterramento diferenciado para os já mencionados *péin*, que, pela sua relação com os espíritos dos mortos, não poderiam ser sepultados no cemitério com os demais Kaingang, tendo recentemente levantado-se a hipótese de cremação dos seus remanescentes (VEIGA, 2016). Outra prática sugerida estaria associada a momentos em que a morte de um indivíduo ocorria longe do cemitério, nesses casos o corpo era enterrado *in situ*, e a cabeça transportada para o cemitério para serem elaborados os devidos rituais fúnebres (BARBOSA, 1947). No entanto, a segurança das fontes relativas a este último ritual mencionado já foram contestadas (MANIZER, 1930, 2006).

ESPÓLIOS VOTIVOS

Para evitar que o recém falecido viesse buscar qualquer coisa que lhe pertença, as suas roças eram destruídas, panelas quebradas, animais sacrificados, e os objetos de uso pessoal sepultados com o corpo (VEIGA, 2000). A inclusão dos objetos pessoais do indivíduo justificava-se pela necessidade que o morto ainda teria desses objetos, assim, com ele eram depositados os seus arcos, flechas, machados, tecidos, colares etc. (BARBOSA, 1947). Colares, adornos muito frequentes entre os Kaingang, seriam colocados no morto antes do seu transporte para o cemitério (MANIZER, 1930, 2006). Os restantes pertences eram depositados após a colocação do indivíduo do sepulcro: os utensílios eram depositados próximos à cabeça; os arcos e flechas eram encaixados dentro da estrutura da cova e, por fim, num *ndupó*² suspenso por uma corda acima da cabeça, eram guardados os utensílios de menores dimensões (AMBROSETTI, 1895; MANIZER, 1930, 2006).

Das exumações já realizadas em montículos Kaingang no Estado de São Paulo, pode-se constatar no registro arqueológico a vasta heterogeneidade de espólios votivos que eram depositados com os mortos, tal como é mencionado nos relatos etnográficos (Tabela 2). Esta cultura material pode ser usada, até certo ponto, para inferir dados sobre o perfil biológico daqueles que foram inumados. Por exemplo, na literatura pontas de flechas estão intrinsecamente ligadas a adultos do sexo masculino, e relacionadas a atividades de caça ou guerra (Figura 5) (IHERING, 1907; BARBOSA, 1947). Por sua vez, contas de vidro são mais associadas a crianças, enquanto colares de conchas a adultos do sexo feminino (MANIZER, 1930, 2006). Já no registro arqueológico, no Túmulo de Canaan, foram identificados dentes de animais que eram usados como contas de colares em adultos do sexo masculino (FIDALGO *et al.*, 2016). Talvez diferentes matérias primas

² Este termo foi registrado por Manizer (2006) no momento da descrição do enterramento Kaingang. Trata-se de recipiente, possivelmente uma bolsa ou um cesto, utilizado para acondicionar pequenos objetos e colocado de modo suspenso por uma corda acima da cabeça do indivíduo no interior do sepultamento.

tenham alguma pertinência para inferir o sexo biológico e idade de diferentes indivíduos, porém ainda existem poucos dados para enfatizar esta hipótese, e dessa forma estudos futuros mais aprofundados são definitivamente recomendados.

Figura 5 - Exemplar de uma ponta de flecha em ferro produzida e utilizada pelos Kaingang de São Paulo. Acervo da coleção Pedro Delvalle Fernandes, do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.



Sem indicação para o Estado de São Paulo, mas não obstante presente em relatos do Norte da Argentina (AMBROSETTI, 1985), as mulheres, além de enterradas em montículos, eram também enterradas com seus próprios utensílios. Como tal, a presença de vasos cerâmicos, dado o papel da mulher ceramista Kaingang, seria de se esperar nos seus enterramentos. No trabalho de Godoy (1947), foram identificados recipientes cerâmicos, e também remanescentes de adultos do sexo feminino. Porém a ausência de dados de campo acerca da possível relação *in situ* enfraquece a inferência de que esses dois elementos pudessem estar intrinsecamente relacionados. Apesar disso, a hipótese claramente não deve ser descartada.

Outro elemento merece destaque no que diz respeito ao potencial informativo do espólio votivo em enterramentos Kaingang do interior paulista. Trata-se da possibilidade de usar objetos para datar, ainda que de forma relativa, tais contextos. Uma vez que os objetos se encontram depositados *in situ* nos sedimentos dessa estrutura, a datação do enterramento tem que estar relacionada com a datação de manufatura desses mesmos objetos, ainda que possivelmente mais tardia. Dessa forma, é possível estabelecer um *terminus post quem* (período após o qual) o enterramento foi realizado (CARVER, 2013). Isso não necessariamente data a formação do montículo funerário, dado que, como visto anteriormente, não necessariamente todos os enterramentos de um mesmo montículo são sincrônicos à sua formação (MANIZER, 1930, 2006). Porém, dada a conjuntura de como muitos dos dados de campo foram recolhidos, não nos é possível distinguir a qual enterramentos nos referimos quando avaliamos o espólio votivo, e, por esse motivo, as inferências aqui realizadas serão generalizadas aos túmulos de uma forma menos ideal e mais genérica.

Nesse sentido, a presença de material em ferro em todos os montículos já exumados atesta pelo período recente em que estes montículos foram construídos. Os Kaingang nunca chegaram a introduzir a metalurgia por si no seu repertório cultural, porém a sua

fama pelo manuseio do ferro para a produção de pontas de flecha/lança é bastante referida na literatura (IHERING, 1907; MÉTRAUX, 1946; BARBOSA, 1947). Para as produzirem, usavam qualquer lâmina metálica, desde facas e colheres a fragmentos de arcos de barril e facões (MANIZER, 1930, 2006).

A aquisição do metal estava na dependência do grau de contato que estes possuíam com a frente colonizadora, pois era deles que se adquiria o ferro. Os primeiros relatos sobre Kaingangs no Estado de São Paulo surgem em 1773, com o relato do Brigadeiro Sá e Faria, que os avistou durante o levantamento fluvial dos rios Aguapeí e Peixe (BORELLI, 1984). Dessa forma, podemos extrapolar uma datação relativa, ainda que com algumas reservas, entre finais do século XVIII até às primeiras décadas do século XX, para o Túmulo de Canaan, Túmulo de Lins, Túmulo A de Promissão, ambos os Túmulos de Guararapes e o Túmulo 2 de Parapuã.

No que diz respeito à cronologia do Túmulo de Promissão (REYES, 2008), Túmulo B de Promissão (SAKAI, 1981) e o Túmulo 1 de Parapuã (DRUMOND & PHILIPSON, 1947), existem dados com base na cultura material que permitem inferências mais precisas (Tabela 2). Algumas das moedas e medalhas identificadas nesses túmulos possuem a data em que foram cunhadas, ou remetem a instituições com períodos de atividade específicos. No Túmulo B de Promissão foram identificadas seis moedas cunhadas em 1895 (SAKAI, 1981). Como tal, pode-se inferir que pelo menos um dos dois enterramentos foi realizado somente após o ano 1895. Porém não é possível especificar se este remete ao primeiro enterramento associado à fundação desse montículo, ou ao segundo enterramento que possa ter sido realizado tanto simultaneamente como posteriormente ao primeiro. Já no caso do Túmulo 1 de Parapuã, foram identificadas três medalhas com a efígie de José Bonifácio, datadas de 1822-1910, e uma outra medalha no Túmulo de Promissão (REYES, 2008).

No caso particular do Túmulo de Lins e o Túmulo 2 de Parapuã, apesar das referências a “moedas antigas”, não são dadas mais referências na literatura (DRUMOND & PHILIPSON, 1947; SAKAI, 1981). Será necessário em estudos futuros analisar esse mesmo material, para constatar se é possível estabelecer uma datação mais precisa para esses enterramentos.

Tabela 2 – Espólio votivo associado aos montículos funerários Kaingang exumados no Estado de São Paulo.

Contextos funerários	Utensílios/Ferramentas/Armas	Adornos	Outros	Fonte
Túmulo de Canaan (n=1)	Prato de metal esmaltado (1); Pontas de flecha em ferro (4); Pontas de flecha em taquara (2)	Pingente de colar de dentes de animal (6);	Fragmento metálico (1)	Fidalgo <i>et al.</i> (2016)
Túmulo de Lins (n=1)	Pontas de lança em ferro (4); Pontas de flecha em osso (4); Furadeira de osso de animais;	Contas de colar em vidro (5); Botões de conchas (2); Conchas para colar (4); Pente trabalhado (16);	Moedas brasileiras antigas (2); Garrafas (2)	Sakai (1981)

Contextos funerários	Utensílios/Ferramentas/Armas	Adornos	Outros	Fonte
Túmulo A de Promissão (n= 1)	Espingarda (1); Pontas de lança em ferro (4); Pontas de flecha em osso (1); Foice (2); Enxada (2); Enxadão (1); Faca (1)	Contas de colar em vidro (5000); Botões de conchas (25); Sementes de plantas para colar (11);	Garrafão (1); Garrafa (1); Frasco (2);	Sakai (1981)
Túmulo B de Promissão (n= 1)	Ponta de lança em ferro (3); Foice (4); Machado (3); Enxada (1);	Medalha de alumínio (3); Contas de colar em vidro (1000);	Garrafa (3); Modelas antigas brasileiras (13); Mandioca ressequida;	Sakai (1981)
Túmulo de Promissão (n=1)	-	Medalhas com a efígie de José Bonifácio (1);	Garrafa (2)	Reyes, 2008
Túmulo de Guararapes (Sakai)	Pontas de lança em ferro (11); Anzol de ferro (6); Pontas de flecha em osso (40); Foice (2); Machado (1)	Colar de dentes de caninos de macaco;	-	Sakai (1981)
Túmulo de Guararapes (Godoy) (n=2)	Enxadas (3); Vasos cerâmicos (6); Machado (1); Pontas de lança em ferro (19); Pontas de flecha em osso (35); facas;	-	Arame; Fragmento de ferro encurvado (1); Fragmentos de arco de barril (3);	Godoy, 1947
Túmulo 1 de Parapuã	Machados de ferro (14); Foices (3); Enxadões (2); Enxada (1); Lima (1); Facões (2); Faca (1); Chave (1); Canivete (1); Pontas de flecha em ferro (73); Pontas de flecha em osso (46) Anzóis (13);	Colar (1) e contas avulsas de vidro; Dente de animal (1); medalhas com a efígie de José Bonifácio (1822-1910) (3); fivela feminina (1); Medalha S.P.I.L.L.T.N (1); Argolas (2);	Pedras de tamanhos variados (9); Rolo de arame (1); Ferro para cortar arcos de barril (1); Peçaço de trilho (1); Peçaço de tesoura (1); 22 pedaços de arco de barril; Cartuchos detonados de bala 44 (2); Garrafa (1);	Drumond & Philipson, 1947
Túmulo 2 de Parapuã	Ponta de flecha em ferro (1)	-	Moeda não especificada (1)	Drumond & Philipson, 1947

REMANESCENTES HUMANOS

Entre os vários elementos que podem ser identificados nestes contextos funerários, o estudo dos remanescentes humanos e o modo como foram depositados são uma fonte de informação privilegiada para melhor compreender o passado Kaingang. No entanto, de uma perspectiva ética, a análise de remanescentes humanos pode ser considerada de uma natureza altamente intrusiva (SCARRE, 2006). Por se tratarem de contextos indígenas, e pelo fato de serem enterramentos relativamente recentes, esses estudos invocam além de uma afinidade étnica, um sentimento de proximidade e de afinidade para com os mortos (ROBERTS, 2009). Como tal, pode ser considerado por alguns como

algo indesejável. Ainda que na prática estejamos a lidar com acervos musealizados, a presença desses remanescentes alojados em coleções museológicas pode ainda ser argumentada como um reflexo do pensamento colonialista sobre as comunidades indígenas colonizadas (WATSON, 2003). Mais uma vez, o diálogo e a transparência, assim como o planejamento das atividades a desenvolver com as comunidades indígenas envolvidas, são fundamentais, e devem ser considerados desde o início de quaisquer trabalhos de pesquisa.

Relativamente ao Estado de São Paulo, têm sido retomados alguns trabalhos de curadoria e análise de remanescentes humanos Kaingang inseridos no contexto do Oeste paulista: no MAHL, a curadoria das séries arqueológicas dos túmulos de Lins, túmulos A e B de Promissão e o túmulo de Guararapes (Sakai) (HATTORI & STRAUSS, 2016); no MHPIV, a análise dos remanescentes humanos do túmulo de Canaan (FIDALGO *et al.*, 2016).

Já no que diz respeito aos remanescentes humanos exumados dos túmulos de Guararapes (GODOY, 1947) e os túmulos do município de Parapuã (DRUMOND & PHILIPSON, 1947), a sua localização não é confirmada desde o período das suas publicações na década de 1940. É, assim, imperativo retomar o mapeamento desses últimos acervos, pois representam um fragmento histórico fundamental na compreensão da história indígena do interior paulista.

Referências ao aspecto físico e da saúde dos Kaingang foram sempre elementos de destaque na literatura (BORBA, 1908; MANIZER, 1930, 2006; MÉTRAUX, 1946; BARBOSA, 1947; POURCHET, 1983). Estas referências bibliográficas podem ser usadas para complementar os estudos de antropologia física, especialmente considerando as diversas, muitas vezes inapropriadas, condições que muitos destes remanescentes foram exumados. Inicialmente, as características físicas dos Kaingang do Oeste paulista são majoritariamente descritivas, pouco baseadas em medições mais precisas. Nesse sentido, destacam-se observações como: a sua estatura baixa ou média; o alongamento e achatamento da cabeça em recém-nascidos (dolicocefalia); o nariz largo e curto (BARBOSA, 1947; MANIZER, 1930, 2006).

Estudos métricos sobre a estatura indígena Kaingang surgem posteriormente, já na segunda metade do século XX. A estatura dos habitantes Kaingang da T.I. Vanuíre foi medida por Pourchet (1983), e a autora estimou a altura média de 163,4 cm para indivíduos do sexo masculino e 149,3 cm para o sexo feminino. Mais recentemente, os remanescentes humanos de adultos masculinos Kaingang presentes no MHPIV foram analisados, de acordo com as recomendações de Bass (1995), para a estimativa da estatura. Os resultados foram semelhantes aos obtidos por Pourchet (1983). Com base num fêmur, a estatura estimada foi de $161,977 \pm 3,417$ cm, e com base numa tíbia, a estatura estimada foi de $166,468 \pm 2,815$ cm (FIDALGO *et al.*, 2016). Tal demonstra compatibilidade entre as metodologias aplicadas para remanescentes humanos em contexto arqueológico e os resultados obtidos através de medições de estatura efetivas.

Passando agora para um panorama mais amplo de estudos da antropologia física no país, até hoje os resultados da análise em remanescentes ósseos Kaingang centram-se no âmbito das pesquisas em morfologia craniana. Desde a primeira metade do século XX, estudos craniométricos distinguiam as características dos crânios Kaingang dos grupos sambaquieiros e Tupi-Guarani (IHERING, 1903; 1904). A nível inter-regional, os resultados apontam para uma semelhança morfológica bastante próxima entre grupos Kaingang de diferentes estados, nomeadamente entre os Kaingang de Palmas (PR), Rio das Cobras (PR) e Tupã (SP) (POURCHET, 1983). Por fim, além de comprovada a sua homogeneidade inter-regional, estudos mais recentes apontam que a morfologia craniana Kaingang também parece se aproximar, em parte, com os Botocudo do Brasil

Central e Sul, Kamakã, Paleoamericanos e indivíduos de tradição Umbu (NEVES *et al.*, 2011).

Outros relatos descritivos merecem destaque, neste caso referente ao desgaste dentário, que, no entanto, ainda não foram confirmados pelo registro arqueológico e análises aos remanescentes. Um deles é relatado por Horta Barbosa, que comenta a frequência em que adultos do sexo feminino perdem os incisivos superiores *antemortem* (BARBOSA, 1947). De forma semelhante, Manizer (1930, 2006) extrapola essa ausência para indivíduos adultos de ambos os sexos e ilustra um padrão de desgaste atípico dos incisivos superiores, possivelmente relacionado com o uso parafuncional do sistema mastigatório em indivíduos jovens (MANIZER, 1930, 2006). Neste caso, em particular, talvez futuros estudos de antropologia dentária poderão eventualmente contribuir para a melhor compreensão da etiologia desse padrão de desgaste.

Por fim, resta fazer alusão às possíveis dificuldades que serão encontradas nas análises desses remanescentes. Dado que, como visto anteriormente, os enterramentos são realizados em montículos artificiais, cuja estrutura das covas é composta por materiais orgânicos e perecíveis, é esperado um elevado grau de exposição a agentes tafonômicos. Algumas das práticas rituais poderiam eventualmente vir a atenuar essa exposição, como o fato já mencionado de um enterramento realizado com uma fogueira próxima para se evitar animais intrusivos (KOENIGSWALD, 1908), ou o fato do corpo ser coberto com um manto (MANIZER, 1930, 2006). No entanto a bioturbação e a destruição óssea causada por elementos faunísticos, associados a outros fatores climáticos e às características do solo, levam a condição de que, possivelmente, muitos desses remanescentes, apesar de relativamente recentes, possam não se encontrar num estado de preservação ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos Kaingang serem um dos grupos indígenas mais numerosos do Brasil, e tal condição se refletir, pelo menos parcialmente, no número de referências bibliográficas disponíveis acerca desses grupos (NOELLI & SILVA, 1998), existe um forte descompasso nacional entre o estado da arte das pesquisas no Estado de São Paulo e os restantes contextos brasileiros nos quais esses grupos indígenas se inserem. Mais do que isso, dentro do próprio Estado de São Paulo, o número de referências que se inserem no âmbito de estudos arqueológicos é ainda bastante ínfimo.

Talvez, em parte, tal situação seja o reflexo do quão recente é a emergência das relações entre comunidades Kaingang com a sociedade brasileira, que, como mencionado antes, ocorrem tardiamente, entre o final do século XIX e início do século XX.

No âmbito da pesquisa arqueológica, entendemos que se deve aumentar o interesse em descobrir questões mais amplas quanto à dinâmica e funcionamento da cultura, a partir da utilização de referenciais etnográficos, tendo em vista o embasamento dos estudos para a resolução dos problemas analisados, principalmente quanto ao entendimento do comportamento sociocultural e biológico de populações indígenas, evitando-se, assim, meras descrições de tipologias e classificações das situações pesquisadas.

A partir do estudo de coleções etnográficas que se encontram depositadas em instituições museais, principalmente localizadas no Estado de São Paulo, amplia-se o detalhamento de informações a respeito da dinâmica Kaingang e dos saberes tradicionais relativos a seu estilo tecnológico bem como de suas condições de bem viver.

O estudo da cultura material e de aspectos bioantropológicos de populações indígenas contemporâneas constitui-se em um objeto privilegiado de pesquisa e

aprendizado para os arqueólogos (RODRIGUES, 2016). Os dados e informações extraídos das coleções museológicas nos permitem perceber os mecanismos de mudanças dos estilos culturais, entender como um determinado grupo social classifica o seu objeto, perceber a tipologia construída e as nuances de variações no tempo, bem como entender as condições de vida dos indivíduos a partir das condições osteológicas. Nesse sentido, promover e continuar as pesquisas possibilitará a ampliação de interpretações contextuais de aspectos relevantes do modo de ser Kaingang e suas relações interculturais.

Em conclusão, o potencial informativo desses acervos é ainda bastante pertinente e merece ser analisado em maior destaque, apesar da perda de informação contextual que seria idealmente recolhida caso houvesse documentação dos elementos *insitu*, que gravemente limita as interpretações das práticas funerárias das comunidades indígenas durante esse período. Sem embargo, é ainda possível, através desses acervos, estabelecer cronologias relativas a partir da análise da sua cultura material, e é possível analisar remanescentes osteológicos para melhor compreender o perfil biológico dos indivíduos que foram exumados.

Ao mesmo tempo, o acervo documental presente nessas instituições talvez permita redescobrir alguns dos cemitérios que, entretanto, tiveram a sua localização perdida. Particularmente, os autores referem-se aos túmulos 4 e 5 de Parapuã, ao túmulo de Bom Sucesso e ao de Promissão. É imperativo redescobrir esses contextos de forma que estes cemitérios possam ser delimitados e preservados. A história recente de inumações ilegais no Estado de São Paulo não se deve repetir. Só assim a história indígena Kaingang do Oeste paulista pode ser preservada, não apenas dentro das reservas técnicas dos museus, mas também na paisagem que nos envolve no presente, como símbolo de resistência dos povos que originalmente ocupavam esse território até aos séculos XIX e XX.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado pela Associação Cultural de apoio ao Museu Casa de Portinari – Organização Social de Cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, Juan Bautista. 1895. Los índios Kaingangues de San Pedro, Misiones, con un vocabulário. *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, 2(10): 305-387.
- BALDUS, Herbert. 1937. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Companhia Editorial Nacional, São Paulo-Rio de Janeiro-Recife, 36pp.
- BARBOSA, Luiz Bueno Horta. 1946. *Relíquias exumadas de um cemitério Caingangue em "Parapuan"*. COLEÇÃO Museu Histórico Índia Vanuüre: Microfilmes de S.P.I.
- BARBOSA, Luiz Bueno Horta. 1947. A pacificação dos Caingangs paulistas: hábitos, costumes e instituições desses índios. In: BARBOSA, L. B. H. (Ed.), *O Problema Indígena no Brasil*. Publicação da Comissão Rondon, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 88: 33-73.
- BARBOSA, Luiz Bueno Horta. 1954. Relatório dos trabalhos realizados pela inspetoria do serviço de proteção aos índios e localização de trabalhadores nacionais em São Paulo durante o ano de 1916. *Revista do Museu Paulista*, v. 8, Nova Série, São Paulo.
- BASS, William M. 1995. *Human Osteology: A laboratory and Field Manual*. Missouri Archaeological Society Inc., Special Publication No.2, Columbia.
- BECKER, Itala Irene Basile. 1976. O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. *Pesquisas Antropologia*, 29.
- BORBA, Telêmaco. 1908. *Actualidade indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. 1984. *Os Kaingang no estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada*. Índios no Estado de São Paulo: resistência e transfiguração. São Paulo, Yankatu.
- BRUNO, Cristina. 2009. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.) *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.
- CARVER, Martin. 2013. *Archaeological investigation*. Routledge.
- CAVALCANTE, Marita Porto. 1987. Fonologia e Morfologia da Língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. *Tese de Doutorado*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. 149pp.
- COLWELL-CHANTHAPHONH, Chip. 2009. The Archaeologist as a World Citizen. In: MESKELL, L. (Ed.). *Cosmopolitan Archaeologies*. Duke University Press, pp. 140-165.
- CRÉPEAU, Robert R. 2002. A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil Meridional: Uma breve comparação com o xamanismo Bororo. *Horizontes Antropológicos*, 8(18): 113-129.
- D'ANGELIS, Wilmar. 1998. Traços de modo e modos de traçar geométricas: línguas Macro-Jê & teoria fonológica. *Tese de Doutorado*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.
- DRUMOND, Carlos & PHILIPSON, Jürgen. 1947. Os túmulos Kaingang de Parapuã. *Sociologia: Revista Didática e Científica*. São Paulo, 9(4): 386-393.
- FIDALGO, Daniel; RODRIGUES, Robson & BONFANTE, Ricardo. 2016. Perfil Biológico dos remanescentes osteológicos Kaingang do Museu Índia Vanuüre (Tupã, São Paulo). *Anais do IV Seminário Internacional Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Uberlândia, Minas Gerais, 1: 879-894.
- GODOY, Oscar. 1947. Esqueletos e utensílios de índios encontrados no Estado de São Paulo. *Separata dos Arquivos da Polícia Civil de São Paulo*, São Paulo, 13.
- HATTORI, Márcia Lika & STRAUSS, André Menezes. 2016. Kiju Sakai: o antropólogo japonês que dedicou sua vida a estudar o Brasil na primeira metade do século XX. *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 11 (3): 715-726.

- IHERING, Hermann von. 1903. El Hombre prehistorico del Brazil. *Historia*, Tomo 1, Buenos Aires.
- IHERING, Hermann von. 1904. Os Guayanãs e Caingangs de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, 6: 23-44.
- IHERING, Hermann von. 1907. A anthropologia do estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, 7: 202-259.
- KOENIGSWALD, Gustav von. 1908. Die Coroados in sudlichen Brasilien. *Globus*, 94: 45-49.
- LIGHTFOOT, Kent G. 1995. Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. *American Antiquity*, 60(2): 199-217.
- LOURENÇO, Marília Sene. 2011. A presença dos antigos em tempos de conversão: etnografia dos Kaingang do oeste paulista. *Dissertação de Mestrado*. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos.
- MABILDE, Pierre François Alphonse. 1983. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação dos Coroados dos Matos do Rio Grande do Sul*. IBRASA, São Paulo.
- MACHADO, Juliana S. 2013. História(S) Indígena(S) e a Prática Arqueológica Colaborativa. *Revista de Arqueologia*, 26 (1): 72-85.
- MANIZER, Henrich Henrikhovitch. 1930. Les Kaingang de São Paulo. *Proceedings of the 23rd International Congress of Americanists*, New York, pp. 760-791.
- MANIZER, Henrich Henrikhovitch. 2006. *Os Kaingang de São Paulo*. Ed. Curt Nimuendajú, Campinas.
- MÉTRAUX, Alfred. 1946. The Caingang. In: STEWARD, J. H. (Ed.) *Handbook of South American Indians*. Cooper Square Publishers, Inc., New York, pp. 445-475.
- NEVES, Walter; BERNARDO, Danilo Vicensotto; OKUMURA, Mercedes; ALMEIDA, Tânia Ferreira & STRAUSS, André Menezes. 2011. Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana? *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6(1):95-122.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 1982. *Textos indigenistas, relatórios, monografias e cartas*. São Paulo: Loyola.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 2013. Quanto à Questão Coroado. *Tellus*, 24: 291-297.
- NOELLI, Francisco Silva & SILVA, Fabíola Andréa. 1998. *Bibliografia Kaingang: referências sobre um povo Jê do Sul do Brasil*. Editora Universidade Estadual de Londrina.
- POURCHET, Maria Júlia. 1983. *Ensaio e Pesquisas Kaingang*. São Paulo, Editora Ática.
- REYES, Maria Regina Andrade. 2008. *Promissão: sua história e sua gente*. Editora Lagos, 2ª Edição, São Paulo.
- ROBERTS, Charlotte A. 2009. *Human remains in archaeology: a handbook*. Council for British Archaeology, n. 19.
- ROCA, Andrea. 2015. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. *MANA*, 21(1): 123-155.
- RODRIGUES, Robson. 2007. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, Robson. 2016. A compreensão do território Kaingang no Oeste Paulista a partir da cultura material: possibilidades interpretativas na análise arqueológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 27: 44-54.
- RUBERTONE, Patricia E. 2000. The Historical Archaeology of Native Americans. *Annual Review of Anthropology*, 29: 425 - 446.

- SAKAI, Kiju. 1981. *Notas arqueológicas do Estado de São Paulo*. Instituto Paulista de Arqueologia, São Paulo: Nippon Art.
- SCARRE, Geoffrey. 2006. Can Archaeology harm the dead? In: SCARRE, C. & SCARRE, G. (eds). *The Ethics of Archaeology, Philosophical perspectives on archaeological practice*. Cambridge University Press, pp. 181-198.
- SCHADEN, Egon. 1954. Os primitivos habitantes do território paulista. *Revista de História*, 8 (18): 385-406.
- SEMEDO; Alice; FERREIRA, Inês. 2011. Museus e Museologia: desafios para a construção de territórios colaborativos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. 21: 97-119.
- SILVA, Fabíola. A. 2015. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. *Revista de Antropologia*, 58(2): 143-172.
- SILVA, Fabíola. A. & BESPALAZ, Eduardo; STUCHI, Francisco. F. 2011. Arqueologia colaborativa na amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica - Revista de Antropologia*, 3 (1): 32-59.
- SILVA, Fabíola. A & GARCIA, Lorena. L. W. G. 2015. Território e memória dos Asurini do Xingu: Arqueologia colaborativa na T.I. Kuatinemu, Pará. *Amazônica - Revista de Antropologia*, 7 (1): 74-99.
- SILVA, Fabíola A. 2012. O plural e o singular das arqueologias indígenas. *Revista de Arqueologia*, 25(2): 24-42.
- SILVA, Fabíola Andréa & NOELLI, Francisco Silva. 2016. História indígena e arqueologia: Uma reflexão a partir dos estudos sobre os Jê Meridionais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 27: 5-20.
- SILVEIRA, Flávio L. A. & LIMA FILHO, Manuel F. 2005. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, 11 (23):37-50
- SOUZA, Marcos André Torres. 2017. A arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos: problemas e questões. *Revista de Arqueologia*, 30 (1): 144-153.
- SOUZA, Sheila Mendonça & RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia. 2013. ‘Ossos no chão’: para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 8 (3): 551-566.
- TARLOW, Sarah. 2006. Archaeological ethics and the people of the past. In: SCARRE, C.; SCARRE, G. (Eds.). *The ethics of archaeology: Philosophical perspectives on archaeological practice*. Cambridge University Press, pp. 199-216.
- VEIGA, Juracilda. 2000. Cosmologia e práticas rituais Kaingang. *Tese de Doutorado*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VEIGA, Juracilda. 2016. Contribuição da etnografia dos Jê Meridionais à Arqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 27: 21-29.
- WATSON, Nicole. 2003. The repatriation of Indigenous remains in the United States of America and Australia: a comparative analysis. *Australian Indigenous Law Reporter*, 8: 33.